

A Fundação da Ordem dos Frades Menores no Séc. XIII: a ordem mendicante de São Francisco de Assis e suas influências na Idade Média Central, a escolha por São Boaventura

Alex Silva Costa¹

Resumo

O Dossiê procura analisar a fundação da Ordem dos Frades Menores por São Francisco de Assis no século XIII. Através da *Legenda Maior*, obra escrita por São Boaventura, esta que lhe foi confiada através do Capítulo Geral de 1260 e que somente depois de três anos foi aprovada em 1263. O mais interessante é que em 1266 a Igreja tomou a decisão de destruir todos os escritos anteriores relativos a vida de São Francisco. Além disso o Dossiê tem a intenção de expor as mudanças e as influências que a Ordem Mendicante de Francisco de Assis causou na Idade Média Central, em especial no século XIII. E qual foi o posicionamento da Igreja depois da criação dessas Ordens religiosas.

Palavras-chave: *São Boaventura- São Francisco – Ordem*

1. Introdução

O Capítulo Geral dos Frades Menores reunido em Narbonne, em 1260 confiou a São Boaventura, ministro- geral da Ordem, o cuidado de escrever a vida *oficial* de São Francisco, ou seja, a redação de uma “boa” vida de Francisco que substituirá todas as outras. A Ordem consideraria daí em diante essa biografia como a única a descrever a vida do santo. Essa vida, ou *Legenda* (chamada *Legenda Maior* para distingui-la de uma *legenda minor*, resumo sob a forma de lições litúrgicas compostas por Boaventura para uso do coro), foi aprovada pelo capítulo geral de 1263, e o de 1266 tomou a decisão de proibir que os frades lessem daí em diante qualquer outra vida de São Francisco e lhes ordenou

¹Graduando da Universidade Estadual do Maranhão do Curso de História Licenciatura e Bolsista Bic/UEMA.

que destruíssem todos os escritos anteriores relativos ao santo, ou seja, as biografias anteriores.

A vida de autoria de São Boaventura é imposta como única Vida canônica. Uma espantosa decisão, ditada sem dúvida pelo desejo de pôr fim às divisões internas, facilitada por uma certa insensibilidade da época em relação à objetividade científica, mas que manifesta um desprezo pela autenticidade ainda mais curioso, porque São Francisco tinha proclamado um respeito pela letra e pelo espírito dos textos autênticos, basta ver o que declarou em seu Testamento: “O Ministro-Geral e todos os outros ministros e os custódios estão obrigados, por obediência, a não acrescentar nada nem nada cortar destas palavras. Antes, tenham este texto sempre consigo junto com a Regra, leiam também estas palavras”

É verdade, que desde 1230, o Papa Gregório IX, pela bula *Quo elongati*, desobrigara os frades Menores de levar em conta essa passagem do testamento de São Francisco, ele também interpreta a regra de Francisco com um sentido moderado e nega toda força de lei na Ordem dos Frades Menores ao *Testamento* de Francisco.

O objetivo do artigo é analisar e discutir com foi a fundação da Ordem dos Frades Menores através da *Legenda Maior* de São Boaventura e mostrar as influências dessa Ordem na Idade Média Central.

Já que “se era possível deixar de levar em conta as palavras do santo, com maior razão podia-se deixar de considerar a palavra de seus biógrafos” (Le Goff, 2007, pag.53).

2. Fundação da Ordem e aprovação da Regra

A *Legenda Maior* de São Boaventura é uma biografia de São Francisco escrita no século XVIII na Idade Média Central, a obra foi encomendada em 1260 e aprovada em 1263 pelo Capítulo Geral da Ordem, esta obra tornar-se-ia a partir de então a vida oficial de São Francisco, e as anteriores seriam destruídas.

O objetivo dessa medida era impedir que os frades não tivessem outra referência bibliográfica a não ser a de São Boaventura sobre a vida do peregrino de Assis. Ao impor esta medida a obra tinha que ser tida, como única vida canônica, fazendo assim a Ordem contrariou os desejos do próprio santo que em seu testamento pedia que zelassem pela autenticidade de sua vida, dos documentos e obrigou-lhes a ter obediência com relação as suas palavras e que nada se acrescentasse e nem nada cortassem.

Segundo Le Goff há vários problemas com as biografias de São Francisco porque deveriam ser suficientes, para responder e completar a leitura das obras com o exame da vida, no entanto aí é que a dificuldade é maior. Porque as dissensões dentro da Ordem dos Frades Menores no século XIII acabaram, afinal, por nos privar de fontes dignas de total confiança sobre a vida do fundador da Ordem. Essas dissensões começaram entre os frades menores ainda em vida de São Francisco, e por causa delas é que ele voltou da Terra Santa em 1220, para redigir em 1221 uma nova Regra, que afinal logo alteraria, e por causa delas deixou a direção da ordem desde 1220 com Pietro Cattani e em seguida, depois da morte deste, em 1221, com Frei Elias. (Le Goff, 2007, p.49). No capítulo 3: *Fundação da Ordem e aprovação da Regra*, Boaventura descreve de maneira alegórica e mística como teria sido o começo da Ordem:

1. Francisco permaneceu ainda algum tempo na Igreja da Virgem Mãe de Deus, suplicando-lhes em instantes e contínuas preces que se tornasse sua advogada. Assistia ele à missa dos Apóstolos devotamente; o Evangelho falava da missão dos discípulos que Cristo envia a pregar ensinando-lhes a maneira evangélica de viver: não levar ouro nem prata, nem dinheiro no cinto, nem sacola para o caminho, nem duas túnicas, nem sapatos, nem bastão. Compreendeu imediatamente o sentido da passagem e, em seu amor pela pobreza apostólica, reteve essas palavras firmemente na memória e exclamou: “É isso o que desejo ardentemente; é a isso que aspiro com todas as veras”. E sem mais delongas, arroja para longe os calçados, abandona o bastão que levava, despreza bolsa e dinheiro e, contente com vestir uma pobre túnica, se desfaz do cinto em que pendia a espada, se cinge com uma corda áspera e nodosa, repele do coração toda preocupação terrena e já não pensa em nada mais senão na maneira como haveria de pôr em execução aquela celestial doutrina para se conformar perfeitamente ao gênero de vida observado pelos apóstolos. (Boaventura, 1997, pág.474)

O que se pode observar é que São Boaventura escreve levando em consideração os preceitos da Ordem dos Frades Menores, tentando dar um fortalecimento aos pilares da mesma que são a veneração e fidelidade ao culto mariano, obediência ao evangelho, fidelidade a dama pobreza, os rigores da penitência, a humildade e obediência, além disso, a castidade apesar de não estar sendo citada explicitamente. O autor escreve a partir da mentalidade medieval que valoriza as linguagens teológicas e o imaginário cristão medieval.

Segundo Le Goff a *Legenda* escrita por São Boaventura é quase inútil como fonte da vida de São Francisco; de um modo ou de outro, deve ser controlada por documentos mais seguros. Em rigor, com todo o seu trabalho de pacificador, São Boaventura, apesar de sua profunda veneração a São Francisco e de basear em fontes anteriores autênticas, realizou uma obra que ignora as exigências da ciência histórica moderna, por ser tendenciosa e fantasista. Fantasista, porque combina elementos às vezes contraditórios tomados de fontes diferentes sem nenhuma crítica. Tendenciosa, porque silenciava quanto ao que mostraria que a ordem franciscana tinha-se desviado de algumas das intenções de São Francisco e, às vezes, em pontos essenciais: a ciência e o ensino, o trabalho manual, as visitas aos leprosos, a pobreza das igrejas e dos conventos. De fato, esse São Francisco do meio- termo justo é mais dos Conventuais que dos Espirituais. Até o fim do século XIX, é, entretanto esse São Francisco corrigido, mutilado e adocicado de São Boaventura- tornado depois ainda mais inosso porque se aceitou uma medíocre obra de devoção escrita por Bartolomeu de Pisa na primeira metade do século XIV e aprovada pelo capítulo geral de 1339- que foi considerado o verdadeiro São Francisco. As exigências da crítica histórica moderna levaram no fim do século XIX a uma revisão do São Francisco tradicional. Considera-se que as fontes essenciais da vida de São Francisco alinham-se em volta de duas personagens representando, uma, os meios franciscanos moderados, e outra, os meios franciscanos rigoristas. É preciso notar que mais facilmente se encontraram os manuscritos do grupo moderado do que os do grupo oposto, embora a questão das fontes franciscanas hoje seja principalmente a crítica das fontes de tendência digamos “espiritual”. (Le Goff, 2007, pág. 49-54.). Esta falta de rigor e objetividade científica é observado no decorrer da obra:

2. Começou Francisco (...) a prática da perfeição evangélica e a convidar os outros a que abraçassem os salutareos rigores da penitência. Em todas as pregações anunciava a paz, saudando o povo no início dos sermões com estas palavras: ‘O Senhor vos dê a paz’. Alguns sentiram-se impulsionados à penitência pelo seu exemplo..O primeiro deles foi o venerável Bernardo que(...) mereceu ser o primogênito do santo Pai Francisco, primeiro no tempo e primeiro na santidade.Ao ouvi-lo, o servo de Deus sentiu um grande conforto espiritual.(Boaventura, 1997, pág.475)

Já Le Goff entra em contradição com São Boaventura porque ressalta que “Francisco estava pregando em Assis, na ou perto da igreja na qual tinha recebido menino,

sua educação religiosa e na qual será enterrado pela primeira vez, San Giorgio, hoje anexada a Santa Chiara. Seu primeiro convertido naquele ano de 1209 é um homem piedoso e simples do qual nada sabemos. Depois um homem rico, Bernado de Quintavalle, que vende todos os seus bens e doa os produtos aos pobres, juntando-se a Francisco. O terceiro é um outro natural de Assis, jurista e cônego, que estudara em Bolonha, Pietro Cattanni, que será o sucessor de Francisco à testa da Ordem, em 1220. O quarto é Frei Egídio.”(Le Goff, 2007,p.69)

Para Boaventura a entrada de mais simpatizantes se dá por ação divina e pelo exemplo de vida de Francisco e de seus seguidores, por sonhos:

4. Pouco tempo depois, o mesmo Espírito chamou outros cinco homens e o número dois irmãos subiu a seis. O terceiro foi nosso santo pai Egídio, homem realmente cheio de Deus.
5. Manifestou Deus igualmente nesse tempo a um certo sacerdote da cidade de Assis, chamado Silvestre, homem de costumes ilibados. Admirava-se Silvestre muito do modo de vida que haviam adotado Francisco e seus seguidores, e para não permanecer em seus falsos juízos, visitou-o a graça do Senhor. Viu então em sonho medonho dragão rondando a cidade de Assis. Sua extrema corpulência parecia ameaçar com um completo extermínio toda aquela comarca. Viu depois sair da boca de Francisco uma cruz preciosíssima de ouro, cuja parte superior chegava até ao céu, e os braços pareciam estender-se até os confins da terra. À vista dessa esplendorosa, fugiu aquele horrendo e espantoso dragão. Repetindo-se este sonho pela terceira vez, julgou ser um oráculo divino, e referiu a visão com todos os detalhes ao servo de Deus Francisco e a seus companheiros. (Boaventura, 1997, pág.476-477)

O interessante é que nesse momento começa a pregação itinerante. Francisco e seus companheiros estavam sempre nas estradas, pregando nas cidades e nas aldeias. Seu domínio por excelência é a Itália, de Roma a Verona, mas, sobretudo a Úmbria e as Marcas. Sua primeira missão foi cumprida, de acordo com vida dos Três Companheiros, nos limites de Ancona, que será um grande lar do franciscanismo, o berço dos *Fioretti*. Depois, quando eles são oito, Francisco, que os despacha sempre dois a dois, como Cristo fez com os apóstolos (Mc 6,7; Lc 1,1), e ele próprio viaja sempre com um irmão, manda Frei Bernardo e Frei Egídio a Santiago de Compostela. Ele mesmo e seu companheiro vão ao vale de Rieti, de onde Francisco volta com novos recrutas, entre os quais Frei Ângelo que, com Frei Leão e Frei Rufino, formará a equipe dos “três companheiros”.

2.1. As regras

Observe o relato de São Boaventura:

7. O bom Pai reuniu (...) todos os seus filhos e falou longamente no reino de Deus, do desprezo do mundo, da necessidade de renunciar a própria vontade e mortificar o próprio corpo e lhes revelou a intenção de enviá-los às quatro partes do mundo. 'Ide, dizia o bem-aventurado Pai a seus filhos, anunciai a paz a todos os homens; pregai-lhes a penitência para a remissão dos pecados; sede pacientes na tribulação, solícitos na oração, sofridos na adversidade, ativos e constantes no trabalho; modestos nas palavras, sérios em vossos costumes e agradecidos ao receber benefícios. Sabei que, em recompensa de tudo isso, vos está prometido um reino que não terá fim'. (Boaventura, 1997, pág. 477)

Sobre o relato percebe-se na obra que Francisco resolve mandar os seus seguidores a ir em missão pelos quatro cantos do mundo, pedindo-lhes que anunciassem a paz e o evangelho, que pregassem a penitência para a remissão dos pecados, que fossem pacientes e humildes, vivessem a perfeita alegria tão pregada pelo santo e que seguissem o mandamento da santa obediência. (Literalmente: em obediência. No vocabulário monástico, *obedientia* significa "folha de marcha", as diversas etapas do roteiro de um religioso enviado em missão pelo superior.). Segundo Boaventura a regra é toda baseada na perfeição do santo evangelho:

No dia seguinte de manhã, foram à igreja de São Nicolau, e depois de orar, Francisco, devoto adorador da Santíssima Trindade, por três vezes abriu o Evangelho, pedindo a Deus que por três vezes confirmasse o propósito de Bernardo. À primeira abertura do livro dos Evangelhos, encontraram a passagem que diz: 'Se queres ser perfeito, vai vende tudo o que possuis e dá-o aos pobres' (Mt 19,21). À segunda: 'Nada leveis pelo caminho' (Lc 9,3). À terceira: 'Quem quiser vem a após mim, renegue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me' (Mt 16,24). 'Esta é a nossa vida e nossa Regra - disse Francisco - e de todos aqueles que quiserem unir-se à nossa companhia. Se quiseres ser perfeito, vai, e põe em prática o que acabaste de ouvir'. (Boaventura, 1997, pág.476)

O certo é que este modo e modelo de vida franciscana não agradavam a todas as pessoas da época, o que gerou muitos conflitos entre os nobres e comerciantes que viam seus filhos deixarem suas casas para irem ao encontro de Francisco, as autoridades eclesiásticas temiam o grande sucesso do empreendimento franciscano, o que resultou em ataques contra os frades e até mortes, isto entristeceu Francisco e o levou até Roma para pedir a bênção e autorização do Sumo Pontífice. Ele queria ter a aprovação do papa, ou

seja, queria ser obediente e não um contestador da autoridade máxima da Igreja, este fato é característico em Francisco e o distingue claramente dos reformadores de então. Atente ao trecho na obra:

Prostrados humildemente em presença de tão bom Pai, receberam com alegria de espírito o mandamento da santa obediência. E disse a cada um em particular: ‘ Lança no Senhor os teus cuidados e ele cuidará de ti’ (Sl 54,23).Era sua frase costumeira ao enviar um irmão as missões. Outros quatro homens de bem vieram se associar a eles, elevando-se agora o número de irmãos a doze. (Boaventura, 1997, pág.478)

E somente quando o número de discípulos chega a doze, em semelhança com os doze de Cristo é que ele resolve de fato ir até Papa, fazendo assim, estaria o santo seguindo o exemplo de Cristo, sendo que Francisco é considerado o grande imitador e admirador de Cristo ao ponto de ser tido como o segundo Cristo.

No entanto Le Goff afirma que quando o grupo chega então a doze, como os apóstolos, todos se encontram em Porciúncula, no inverno de 1209-1210. Sucessos e derrotas se equilibram esse início. Os sucessos são muitos encorajadores no sentido de confirmar Francisco em sua missão, as derrotas são claramente motivos de inquietação. Durante sua primeira expedição às Marcas, ele e os companheiros foram tomados por loucos. Bernardo e Egídio em caminho para Compostela foram mal acolhidos em Florença. Se Tomás de Celano cala sobre essas dificuldades e insiste em alguns êxitos, “os três companheiros”, que devem exagerar em sentido inverso, fala de uma derrota fatal. Outro ponto de inquietude: Guy, o bispo de Assis que tinha protegido Francisco no momento de sua conversão, torna-se se não hostil, pelo menos desconfiado. Francisco precisou recorrer a toda sua força de persuasão para convencê-lo da legitimidade de sua atividade e de seu gênero de vida. Para fazer com que cessassem logo essas ameaças, Francisco decide ir com os onze irmãos a Roma pedir ao papa que aprove sua conduta e a de seus irmãos. (Le Goff, 2007, pág.70-71.)

2.2. Francisco em Roma com os discípulos

Segundo São Boaventura o Santo Papa tem uma visão depois que recebe Francisco em Roma tentando conseguir a autorização da Igreja:

8. Francisco escreveu uma regra de vida breve e simples pra si e seus companheiros. Seu fundamento inabalável era a observância dos Evangelhos, (...). Estava ansioso em ver aprovado pelo papa o que escrevera. Pondo toda sua confiança no Senhor, resolveu apresentar-se com seus companheiros diante da Sé Apostólica. 9. Chegando a Cúria Romana, conduziram-no à presença do sumo Pontífice. O Vigário de Cristo, (...), mandou embora com desprezo, como importuno, o servo de Cristo. Ele humildemente se retirou. Na noite seguinte, porém, o Pontífice teve uma revelação de Deus. A seus pés via uma palmeira que ia crescendo pouco a pouco até se tornar uma belíssima árvore. (Boaventura, 1997, pág.479)

São Boaventura descreve de maneira mística a inquietação do Papa com relação ao sonho que poderia ser um aviso de quais decisões deveriam ser tomadas a partir de então, além de relatar a intriga dos cardeais com presença de Francisco:

Enquanto o Vigário de Cristo se perguntava, maravilhado, que poderia significar aquela visão, a luz divina gravou-lhe na mente que a palmeira representava aquele pobre que ele havia repellido na véspera. Na manhã seguinte, o papa mandou seus servos procurar aquele pobre em toda a cidade. Encontraram-no na hospedaria de S.Antônio junto ao Latrão. Introduzido Francisco à presença do Sumo Pontífice, manifestou-lhe seus propósitos, pedindo-lhe com humildade e constância que se dignasse aprovar a referida Regra e forma de vida. Inocêncio III, (...), inclinou-se benignamente a ouvir as petições do santo. Mas não quis aprovar logo a regra de vida composta pelo pobrezinho, porque parecia estranha e por demais penosas às forças humanas no parecer de alguns cardeais. (Boaventura, 1997, pág.479)

Mas para Le Goof essa viagem a Roma traz difíceis problemas para o historiador. Primeiro, a aprovação que Francisco ia pedir ao papa seria exatamente a de uma “regra”, portanto a fundação de uma nova “ordem”? O texto submetido a Inocêncio III se perdeu, e é bem vago o que diz Tomás de Celano: “Francisco escreveu para si e para seus irmãos, presentes e futuros, simplesmente e em poucas palavras uma fórmula de vida e um regra essencialmente composta de citações do santo Evangelho, cuja perfeição ele desejava ardentemente tornar realidade”. “*Vitae formam et regulam*”: tem-se clara impressão de que o biógrafo de 1228 acrescentou *regula* [regra] por decisão própria e que a verdade está em *formula vitae* [forma (no diminutivo) de vida]- um simples formulário composto de algumas frases evangélicas, a vida e o apostolado dos irmãos.Segunda questão qual foi a atitude de Inocêncio III? Parece fora de dúvida que tenha havido três entrevistas entre

Francisco e o papa e que foi difícil ao *Poverello* (apelido italiano do santo e significa Pobrezinho) conseguiu a aprovação pontífice. Que homens se vêem face a face? Dois pastores, cuja personalidade, função e experiência se opõem em quase tudo, Inocêncio III está espiritualidade pessimista da tradução monástica, escreveu uma obra (Sobre o Desprezo do Mundo) aos antípodas do amor que Francisco leva a todas as criaturas, se bem que Francisco só aspire ao céu, mais aspira ao céu através dessas criaturas. (Le Goff, 2007, pág.71-73.)

Ainda que Inocêncio III não seja o papa “político” que muitos historiadores vêem nele, Francisco está convencido do primado do poder espiritual sobre o temporal, mais ainda, está convencido de que o vigário de Cristo possui as duas forças, os dois poderes, e diz: “Que todos os irmãos abstenham-se de mostrar qualquer poder ou superioridade, principalmente entre si. De fato, como o Senhor diz no Evangelho: *‘Os príncipes das nações as dominam e os grandes exercem poder sobre elas’*. Não será assim entre os irmãos, mas *quem quer que entre eles queira ser maior, que deles seja servidor e escravo, e quem for maior entre eles seja como menor*. (Le Goff, 2007, pág.71-74.)

Inocêncio III vê a Igreja assaltada por bandos de inimigos, os príncipes que se dizem cristãos e sobre os quais ele lança sucessivamente (sobre o Imperador, sobre o rei da França, sobre o rei da Inglaterra) a excomunhão e o anátema, aqueles hereges que pululam os Pobres de Lyon, transformados em valdenses, e aqueles *Umiliati*, submetidos a obediência apenas parcialmente, até aqueles cátaros, aqueles albigenses, contra os quais ele pregou a cruzada e prepara a Inquisição. Ora, esse leigo em andrajos que se apresenta diante da cúria gorda, luxuosa e arrogante, preconizando esse escândalo, a aplicação integral do evangelho, a realização do Evangelho total, não estará aos olhos do papa, no caminho da heresia, ou não será visto já como herege? Sobre isso José Rivair Macedo explica:

As heresias, quer dizer, as interpretações divergentes daquilo explicitamente determinado pela igreja coexistiram com a instituição religiosa oficial desde o princípio da Idade Média. Expressavam tanto a rebeldia religiosa e a dissidência quanto certo inconformismo social e político. Aqueles movimentos heréticos que se proliferaram nas cidades da França, Itália e Alemanha a partir do séc. XI eram compostos por leigos de ambos os sexos que desejavam participar de modo mais intenso da vida religiosa: identificavam na pobreza e no ascetismo a via de contato com a experiência cristã genuína, e ao mesmo tempo criticavam a Igreja devido a seu enriquecimento material, sua corrupção e distanciamento dos princípios da vida apostólica. (Macedo, José Rivair, 2002, pág.48).

Teria havido, portanto uma primeira entrevista tempestuosa. Esse homem com “sua pobre túnica, sua cabeleira em desordem e suas imensas e negras sobranceiras”, Inocêncio III o toma, ou finge tomá-lo, por um porqueiro: “Deixa-me tranqüilo com tua regra. Vai primeiro reencontrar teu porcos e pregar-lhes todos os sermões que queiras.” Francisco corre a uma pocilga, lambuza-se de esterco e volta diante do papa: “Senhor, agora que fiz o que me tinhas mandado fazer, tenha por sua vez a bondade de me conceder o que solicito.” O papa, conclui o cronista inglês Mateus Paris, que “caindo em si, arrepende-se de o ter recebido tão mal, e depois de mandar que ele se lavasse, prometeu nova audiência”. O que parece certo é que, depois de uma acolhida inicial hostil, seja por parte do próprio papa seja da Cúria, Francisco prepara o novo encontro com Inocêncio. Acha introdutores, aliados, protetores. O mediador é o bispo Guy de Assis, e aquele que, por sua mediação, acaba por concordar em preparar os caminhos de Francisco até o papa é o cardeal João de São Paulo, da família Colonna.

Mas segundo Le Goff quando Francisco consegue submeter o texto de sua “Regra” a Inocêncio III, o papa se mostra espantado com a severidade dela. O Evangelho integral, que loucura! Mas o cardeal de São Paulo acha o argumento bom para comover o pontífice, um argumento religioso e político simultaneamente. “Se rejeitarmos o pedido desse pobre sob tal pretexto, isso não será afirmar que o Evangelho é impraticável e blasfemar contra Cristo, seu autor?” (Le Goff, 2007, pág.71). Boaventura descreve na Legenda Maior essa passagem:

Mas entre estes encontrava-se um homem venerável, o cardeal João de São Paulo, bispo de Sabina, (...) , disse ao Sumo pontífice e a seus irmãos cardeais: ‘Este pobre pede apenas que lhe seja aprovada uma forma de vida evangélica. Se portanto rejeitarmos seu pedido como difícil em demasia e estranho, tenhamos cuidado em não ofender dessa forma o evangelho. De fato se alguém se dissesse que na observância da perfeição evangélica e no voto de praticá-la existe algo de estranho ou de irracional, ou impossível, é réu de blasfêmia contra Cristo, autor do evangelho’. Diante dessas razões, o sucessor de Pedro voltou-se para o pobre de Cristo e lhe disse: ‘Meu filho, faze uma oração fervorosa a Cristo para que por seu intermédio nos mostre a sua vontade. Assim que a tivermos conhecido com maior clareza, poderemos atender com mais segurança aos teus pedidos’. (Boaventura, 1997, pág.479-480)

Como foi descrito em cima Inocêncio III, abalado, mas não convencido, contenta-se em dizer a Francisco: Meu filho, vá rezar para que Deus nos manifeste sua vontade: quando a conhecermos, poderemos responder-te com toda a segurança. Esse novo

adiamento é proveitoso para Francisco e seus aliados, e Deus manifesta sua vontade. Inocêncio III teve um sonho: viu a basílica de Latrão inclinar-se como se fosse desabar. Um religioso “pequeno e feio” a sustentou em suas costas e a impediu de ir abaixo. O Homem de seu sonho só poderia ser Francisco. Ele salvaria a Igreja. Por isso Inocêncio III aprovou o texto que Francisco lhe submetia. Mas o fez cercado de muitas precauções. Deu apenas uma aprovação verbal, nada por escrito. Impôs aos frades que obedecessem a Francisco, e a Francisco que promettesse obediência aos papas. Sem lhes conferir as ordens maiores, mandou tonsurar todos eles, que eram leigos, e conferiu sem dúvida o diaconato a Francisco. Por fim, autorizou-os apenas a pregar, quer dizer, a dirigir exortações morais ao povo. Francisco não perguntou mais nada sobre essas coisas todas. “Ide, meus irmãos”, teria dito Inocêncio III, segundo Tomás de Celano, abençoando-os, “ide com o Senhor e o Senhor vos inspire, pregai a todos a penitência. Quando o Senhor todo-poderoso vos multiplicar em número e em graça, voltai alegremente a mim e vos concederei mais favores e vos confiarei, com uma confiança maior, maiores missões.” (Le Goff, 2007, pág. 71-74.) O sonho também é descrito por Boaventura:

Tivera, aliás, pouco tempo antes uma visão em que o Espírito de Deus lhe mostrara a missão a que Francisco estava destinado. De fato, vira em sonho a basílica do Latrão prestes a ruir e um homem pobrezinho, pequeno e de aspecto desprezível, a sustentava com os ombros para não cair. E concluiu o Pontífice: ‘Este é, na verdade, aquele que com seu exemplo e doutrina há de sustentar a santa Igreja de Deus’. Concedeu-lhe, pois o que pedia. Prometendo-lhe conceder muito mais para o futuro. Aprovou também a Regra e deu-lhe a missão de ir por todo o mundo pregar a penitência. Mandou igualmente impor tonsuras em todos os leigos companheiros de Francisco para lhes permitir pregar a palavra de Deus sem empecilhos. (Boaventura, 1997, pág. 481)

Há certa vantagem com relação à tonsura porque ela transformava-os em clérigos, quer dizer, subtraía-os à jurisdição dos príncipes, colocando-os sob a da Igreja. Para Francisco, não existem inimigos em torno de nós, os inimigos são nossos vícios e pecados e, de qualquer maneira, não se pode julgar o outro.

2.3. A ordem depois da confirmação

A seguir São Boaventura descreve que com a aprovação do papa, Francisco sentia-se confiante e cheio da graça de Deus para seguir em frente, o que os discípulos faziam, e as obras que realizavam:

1. Com a graça de Deus e aprovação do papa, Francisco sentia-se agora confiante: e outra vez tomou caminho pelo vale de Espoletto, onde resolveu pregar o Evangelho de Cristo e viver de acordo com ele. E confabulando pelo caminho (...) discutiam a maneira como observar com toda sinceridade a Regra (...) e como viveriam diante de Deus em santidade e justiça. 3. Retirou-se pois o servo de Deus com seus companheiros a um tugúrio pobre e abandonado, perto de Assis. Viviam aí trabalhando muito e passando penúria, de acordo com a altíssima pobreza, comprazendo-se em alimentar-se mais com o pão das lágrimas do que com a abundância e as delícias terrenas. Entregavam-se ali a santos e piedosos exercícios; sua oração devota e quase nunca interrompida era mais mental do que vocal, pois não dispunham de livros litúrgicos pelos quais pudessem recitar as horas canônicas do ofício divino. Mas, na falta desses, revolviam dia e noite o livro da cruz de Cristo, que sempre tinham à vista, incitados pelo exemplo e pela palavra do amantíssimo Pai, que freqüentemente lhes pregava com inefável doçura as glórias da cruz de Cristo. (Boaventura, 1997, pág.481-482)

No entanto, Le Goff afirma que quando eles voltam à Assis se instalam no campo, à margem da curva de um riacho, o Rio Torto. Ocuparam uma cabana abandonada, Francisco lembrando aos companheiros que “se vai mais rapidamente ao céu de uma cabana que de um palácio”. Consumiam seu tempo nos cuidados com os leprosos, com o trabalho manual, a mendicância e a pregação, especialmente em Assis. Ao cabo de alguns meses, tiveram que deixar sua cabana porque, segundo Tomás de Celano, um camponês fez seu burro entrar no casebre para expulsar os que estavam lá. Mais provavelmente, porém, a mudança se deu por causa da chegada de novos irmãos tornando impraticável a morada de todos na pequenina casa (Le Goff, 2007, pág.76.). Boaventura fala das atividades desses frades no local citado, e como deveriam orar:

E como os irmãos lhe pediram com insistência que lhes ensinasse a orar, disse-lhes: ‘Quando quiserdes orar, dizeis: ‘Pai nosso’ e: ‘Nós vos adoramos, ó Cristo, em todas as igrejas que estão no mundo inteiro e vos bendizemos porque por vossa santa cruz remistes o mundo’. Ensinou-lhes também a louvar a Deus em todas as suas criaturas, a venerar com especial respeito aos sacerdotes, a crer firmemente e confessar com simplicidade os dogmas

da fé conforme crê e ensina a santa Igreja Romana. Seguiam fielmente os discípulos a doutrina de seu santo mestre e todas as vezes que divisavam ao longe alguma igreja ou cruz, postavam-se humildemente e as adoravam na forma que haviam aprendido. (Boaventura, 1997, pág.481-482)

O bispo e o cônego teriam recusado a casa, foi o abade do mosteiro beneditino de Monte Subasio, que cedeu a Francisco a capela de Porciúncula e um trecho do terreno contíguo. A vida continuou a mesma para comunidade que crescia pouco a pouco. Entre os novos frades, naquele ano de 1210-1211, estava Frei Rufino, “que rezava mesmo dormindo”, “Frei Genebro, “esse perfeito imitador de Jesus crucificado”, “esse jogral de Deus” por excelência que foi chamado o” franciscano típico “(este, aliás, foi o inspirador de Eça de Queirós num de seus *Contos* que mais tocam o coração: *Frei Genegro*.), Frei Masseu, de sólido bom senso, frei Lucídio, “que nunca ficou mais de um mês num mesmo lugar, sob o argumento de que não temos de modo algum morada permanente aqui na terra”, e, afinal o puro e ingênuo Frei Leão, esse seguidor mais intransigente de São Francisco que fez dele seu confessor, porque ele era padre, e a quem chamava de “Frei Ovelhinha de Deus”. Porciúncula se torna a residência preferida de Francisco a partir de 1210, e que não se pode esquecer que ele a deixará freqüentemente, seja para ir pregar em Assis, por toda a Úmbria, na Itália central e na setentrional, entre os Infiéis (em sentido absoluto e, assim, com inicial maiúscula, é referência aos mulçumanos). (Le Goff, 2007, pág.77.) Boaventura exalta a escolha de Porciúncula por ter sido a origem:

5. Depois desses acontecimentos, Francisco, pastor da pequena igreja, inspirado pela graça divina, conduziu os seus doze irmãos a Santa Maria da Porciúncula, pois desejava que a Ordem dos irmãos menores crescesse e se desenvolvesse sob a proteção da Mãe de Deus, naquele lugar em que, pelos méritos dela, havia dado os primeiros passos. (Boaventura, 1997, pág.484)

Houve a criação da “Ordem dos Frades da Penitência”, no qual participavam clérigos, leigos, solteiros e casados. Hoje é reservada à Ordem Terceira; havia de início pouca diferença entre a primeira e a terceira Ordens. Boaventura explana sobre ela:

6. Muitos, inflamados pelo ardor de sua pregação, impunham-se a nova regra de penitência de acordo com a fórmula aperfeiçoada pelo homem de Deus que decidiu chamar esse gênero de vida ‘Ordem dos Frades da Penitência’. E não havendo outro caminho possível

para todos os que buscavam o céu a não ser o caminho da penitência, admitem-se nela os clérigos e os leigos, os solteiros e os casados. Os inúmeros milagres realizados por alguns deles provam bem qual o mérito que tiveram aos olhos de Deus.” (Boaventura, 1997, pág.484-485)

Segundo Le Goff em 1212, Francisco recebeu uma noviça muito especial. Uma jovem nobre de Assis, inflamada com os sermões do santo, fugiu da casa da família com uma amiga na noite da festa de Ramos e se refugiou em Porciúncula, onde Francisco cortou-lhes os cabelos e as vestiu com um burel semelhante ao seu, depois as levou ao mosteiro das beneditinas de San Paolo de Bastia, a alguns quilômetros de distância, nos pântanos da insula Romana. Ao fim de alguns dias elas se passaram para um lugar mais seguro, o mosteiro de Sant’Angelo, que outras beneditinas habitavam, no Monte Subasio, acima dos Carceri. Chiara e Pacífica lá se juntam a uma irmã mais moça de Chiara, Agnese [Inês], da qual Francisco também corta o cabelo. Algum tempo depois o bispo Guido dá a capela de San Damiano a Chiara e às “Pobres Senhoras”, que mais tarde serão chamadas Clarissas, como os “Frades Menores” serão chamados franciscanos.(Le Goff,2007, pág.77-78)

“Pobres damas” é o nome oficial da segunda Ordem franciscana, sendo destinadas as mulheres, sendo que são conhecidas popularmente e designadas de “Clarissas”. Sendo que essa Ordem “se fundou no Convento de São Damião, em 1212, sob a orientação de Santa Clara e de S. Francisco e que teve sempre o apoio dos Frades Menores, depressa se estendeu por toda a Europa” (WIKIPEDIA, 2011). Sobre isso Boaventura descreve:

6. Houve também donzelas que optaram pela castidade perpétua, entre as quais Clara (tinha 18 anos nessa época), virgem amantíssima de Deus, primeiro rebento do jardim, perfumada como branca flor primaveril, esplêndida como estrela fulgurante. Gloriosa agora no céu é justamente venerada na terra pela Igreja, ela que foi, em Cristo, a filha do Pai São Francisco, pobrezinho, e mãe das damas pobres (Boaventura,1997,pág.485)

São Boaventura diz que quando a Ordem cresceu e se estabilizou Francisco tentou ter a confirmação definitiva pelo papa Honório III:

11. Quando a Ordem se expandiu, Francisco julgou ter chegado o momento de obter a confirmação em caráter definitivo pelo Papa Honório, sucessor de Inocêncio, da forma de

vida aprovada por este último. Querendo, pois, reduzir a uma forma mais sucinta, conforme o sentido da vida anterior, a Regra escrita antes com abundância de palavras tomadas ao evangelho, movido por inspiração divina, subiu com dois companheiros ao cume de um monte e aí, havendo-se entregue durante vários dias a jejum rigoroso a pão e água, fez escrever uma nova Regra conforme o Espírito Santo lhe ia ditando. Mas aconteceu que, ao descer do monte, Francisco entregou aquela Regra a seu Vigário, com encargo de guardá-la; e como este, depois de alguns dias, afirmasse que a havia perdido por descuido, o santo voltou novamente à solidão do monte e a escreveu pela segunda vez de modo inteiramente igual à primeira, como se o próprio Deus a houvesse ditado palavra por palavra. (Boaventura, 1997, pág.489.)

Sobre a “*Regula Bullata*”, Le Goff enfatiza que o papa e o cardeal Ugolino tinham pedido a São Francisco que retocasse seu projeto de Regra de 1221. Ele recolheu-se ao eremitério de Fonte Colombo, perto de Rieti, em companhia de Frei Leão e de um frade que tinha noções de direito, Frei Bonizzo. Sem dúvida, os retoques não pareceram suficientes a Frei Elias, porque ele, a quem Francisco tinha confiado o texto, o perdeu. O santo recomeça a trabalhar na obra com Frei Leão. Trabalho difícil: Francisco estava desanimado e mesmo amargo, às vezes. Despedia sem simpatia os frades que iam importuná-lo para introduzir no texto disposições contrárias as suas intenções. (Le Goff, 2007, pág.86-87.)

Segundo Le Goff várias decisões foram tomadas de 1221 e 1223 para a reorganização de seu movimento, às vezes é difícil distinguir o que era desejo de São Francisco e o que lhe foi imposto. De um lado, existiam extremistas que tinham dado livre curso a suas tendências extravagantes: tornaram-se puros vagabundos, rodearam-se de mulheres até “comer com ela na mesma tigela”, constituíram comunidades de leprosos dos dois sexos. Do outro lado, laxistas queriam, ao contrário, afastar-se do rigorismo, construindo belas igrejas de pedra, entregando-se aos estudos e favorecendo-os, pedindo privilégios da cúria romana. E pelo menos em um caso, Francisco agiu com rigor sem esperar, quando passou por Bolonha, Frei Giovanni di Staccia tinha estabelecido uma casa de estudos, expulsou a todos, até os doentes, e amaldiçoou o Frei. Um ano de noviciado foi imposto a todos que quisessem daquele momento em diante entrar para a comunidade. Um representante da Santa Sé tonou-se “protetor, governador, e corretor da fraternidade”. Foi o cardeal Ugolino. Francisco cedeu a direção administrativa da comunidade a Pietro de Catanni, que morreu logo em 10 de março de 1221 e foi substituído por Frei Elias. Enfim,

tornado chefe espiritual da fraternidade, Francisco iria transformá-la em verdadeira ordem e dar-lhe uma regra de verdade que substituiria a “fórmula” de 1210. Francisco apresentou sua regra ao “capítulo” de 1221. Tais reservas ele suscitou, tanto de uma parte dos irmãos como do representante da cúria romana, que decidiu submetê-la ao cardeal protetor. Para enquadrar uma multidão de leigos que queria entrar na Ordem e por provável sugestão de Ugolino, uma “ordem terceira” foi criada, tendo como modelo a que acabava de ser instituída entre os *Umiliati*. Essa Ordem Terceira respondia sem dúvida ao desejo de Francisco de conservar em sua fraternidade o caráter de uma pequena comunidade de puros. De todo modo, a Regra para a Ordem Terceira, seca e jurídica, redigida em 1221 e aprovada pelo papa, pouco tem da marca pessoal de Francisco. Parece que se deu nessa mesma ocasião a aprovação por Francisco do programa de ensino inaugurado naquele convento de Bolonha- do qual ele acabara de expulsar, em grande parte porque se aplicavam aos estudos, Giovanni dei Staccia e seus companheiros - por um frade português, Antônio, dito de Pádua. Porém não há segurança quanto a autenticidade da carta de Francisco a Antônio sobre a qual repousa essa hipótese. (Le Goff, 2007, pág.83-85.) Observe atentamente a narrativa a seguir, deste trecho da Legenda Maior:

Depois, conseguiu logo, como desejava, que o mencionado Papa Honório III lhe confirmasse solenemente a Regra, no oitavo ano de seu pontificado. Exortando mais tarde fervorosamente a seus filhos à fiel observância da referida Regra, garantia-lhes que ele nada havia colocado nela que fosse de reflexão pessoal, antes de tudo o que continha escrevera conforme o próprio Senhor lhe havia revelado. E para que assim contasse com mais certezas para testemunho divino, passados alguns dias, foram impressas em seu corpo pelo dedo do Deus vivo as chagas de Cristo, como se fossem elas uma bula do Sumo Pontífice, Cristo Jesus, em confirmação absoluta da Regra e recomendação eficaz de seu autor.” (Boaventura, 1997, pág.489-490.)

Afinal, a nova Regra ficou pronta na primavera ou no verão de 1223 e, enviada a Roma, onde o cardeal Ugolino ainda a retocou, foi aprovada pelo papa Honório III pela bula de 29 de novembro de 1223, *Solet annuere*. Daí seu nome de *Regula Bullata* [Regra transmitida através de bula papal]. A maior parte das citações do Evangelho da Regra de 1221 foi suprimida, como foram suprimidas as passagens líricas, em favor de fórmulas jurídicas. Um artigo que autorizava os frades a desobedecerem aos superiores indignos também foi suprimido. Da mesma forma, tudo que se referia aos cuidados a serem

dispensados aos leprosos e todas as prescrições que exigiam uma pobreza rigorosa a ser vivida pelos irmãos. A Regra não insistia mais necessidade do trabalho manual e não mais proibia que os frades tivessem livros. Francisco, a morte na alma, aceitou essa Regra deformada. Os biógrafos chamam esse período de sua vida, do fim de 1223, de época da “grande tentação”. A tentação seria a de abandonar completamente a nova ordem, se não sua ortodoxia. A obediência- obediência à Igreja, da qual ele tinha feito um preceito rigoroso- de uma hora para outra pareceu-lhe ridícula. “O homem obediente”, dizia ele, segundo São Boaventura retomando uma passagem tendenciosa de Tomás de Celano, “deve ser como um cadáver que se deixa levar em qualquer direção, sem protestar. Vestido de púrpura, apenas parece mais lívido; se o sentam numa cátedra como doutor, longe de levantar a cabeça, deixa-a cair sobre o peito”. Depois ele se resignou e se tranqüilizou: “Pobre homenzinho”, disse-lhe o Senhor, “por que se entristecer?” Tua ordem não é minha ordem? Não sou eu que ela tem com pastor supremo? Deixa-te então de afligir-te e cuida antes de tua própria salvação. ”Assim Francisco, a partir daí, veio a considerar sua própria salvação como independente da ordem criada por ele, e definitivamente apesar dele. Encaminhou-se serenamente para a morte. (Le Goff, 2007, pág.86-87.)

3. As ordens mendicantes e suas influências na Idade Média Central

Em 1216, Domingos, adotando a regra de Santo Agostinho para seus pregadores organizados em confrarias de cônegos regulares, conseguiu fundar sua ordem sob ficção da simples continuação de uma tradição existente.

Francisco age mais discretamente, preocupado em não transformar seus companheiros em uma ordem verdadeira para dar-lhes maleabilidade e construir mais facilmente, concretizando com isso a coexistência entre leigos e clérigos, a ponte entre Igreja e leigos.

Sem dúvida aproveita a aceitação verbal de Inocêncio III para considerar que as decisões do concílio e de seus irmãos sejam reconhecidas. Para consolidar, porém, sua posição junto aos fiéis e à hierarquia, solicitou e obteve em 1216 do novo papa Honório III, como se afirmou a indulgência de Porciúncula, isto é, a indulgência plenária para todos que visitassem o santuário no dia do aniversário de sua consagração, o 2 de agosto– privilégio exorbitante que situava o oratório de Francisco no mesmo plano de Roma, da Terra Santa e

de Santiago de Compostela. Isso é altamente duvidoso, porque nenhum documento digno de fé permite atestar existência antes de 1277 dessa Indulgência é mais provável que sobre ela se tenha criado uma lenda, dada a atração precoce que o lugar exercia sobre a multidão de peregrinos.

O século XIII das cidades, dos mercadores, das universidades, das literaturas vernáculas sofreu também a ação, de duração européia muito longa, de religiosos de um tipo novo: as ordens mendicantes, sendo que as principais foram a dos Pregadores ou dominicanos e dos Menores ou franciscanos. Estas ordens não eram constituídas de monges que viviam na solidão coletiva, mas de regulares que viviam em comunidade no meio das pessoas nas cidades. Foi essa sociedade nova que eles formaram pela pregação e pela prática litúrgica; um cristianismo novo em que o interesse pelos leigos era maior e onde a preocupação de adaptar tanto os clérigos como os leigos ao progresso da cristandade européia era dominante e foi de grande eficácia.

Os grandes problemas da Igreja eram a reforma gregoriana inacabada, a difusão rápida das heresias, a falta de adaptação a uma sociedade em que a circulação do dinheiro se acelerava, em que a riqueza se tornava um valor, a cultura monástica ligada á uma sociedade rural não era mais capaz de responder às exigências dos cristãos. A resposta veio de algumas personalidades religiosas ou leigas que constituíram ordens de tipo novo, porque não monásticas, que foram mais ou menos dificilmente aceitas pelo papado.

As ordens assim criadas foram chamadas de ordens mendicantes porque o que mais impressionou nelas foi a prática da humildade e da pobreza, que levava seus membros a mendigar os meios de subsistência e, para uma delas, a ordem fundada por Francisco de Assis, a ordem dos Menores. O sucesso dessas ordens levou-as a se multiplicarem no começo do século XIII. Mas o segundo concilio de Lyon, em 1274, deixou subsistir apenas quatro. Os Pregadores ou dominicanos, os Menores ou franciscanos, os eremitas de Santo Agostinho e os Carmelita; a elas o papado acrescentou, no começo do século XIV, os Servitas de Maria, que a tradição historiografia os deixou de fora do grupo das ordens mendicantes.

Para o prestígio superior dos dominicanos e dos franciscanos contribuiu poderosamente a personalidade de seus fundadores. A fundação da ordem franciscana foi muito agitada, pois tinha um caráter espetacular, que sem dúvida foi sua implantação no meio urbano e o fato de que as cidades são os centros essenciais da pregação e da atividade dos franciscanos assim como dos dominicanos. Os franciscanos, todavia, prolongam essa

atividade nos caminhos por onde passam como itinerantes e retirando-se em ermidas nas montanhas. Por outro lado, a sua subsistência é feita de uma maneira diferente das dos monges; não são proprietários, não dispõem de terras nem de renda. Vivem de esmolas, que podem ser doações que lhe permitam construir, contra as instruções de seus fundadores, igrejas cada vez maiores, mesmo se elas conservem certa modéstia de decoração.

As ordens mendicantes ensinam também às populações, particularmente urbanas, novas práticas religiosas graças a uma intensa pregação. Com eles nasce uma Europa da *palavra*, do sermão, que, laicizado, será a Europa do discurso, da tribuna, do discurso militante. Francisco, que é fascinado pela obra divina, por toda a criação, canta os louvores, dessa criação no famoso *Cântico das criaturas*, no qual se viu a origem do sentimento europeu da natureza. As ordens mendicantes, que desde a sua criação se colocaram ao serviço da Igreja no seu apostolado, logo foram desviadas pelo papado de sua atividade pastoral original para missões novas. Contra os hereges, a Igreja impele os mendicantes para além da pregação, com o risco de desnaturar a vocação, para a Inquisição. Bem cedo o papado retira a direção dos tribunais de inquisição dos bispos para entregá-los às ordens mendicantes. Por isso a reputação das ordens mendicantes na sociedade europeia do século XIII é muito contrastada. Por um lado, são admiradas, honradas, seguidas. Por outro lado são atacadas e são objeto de uma hostilidade que pode ir até ao ódio. Um acaso exemplar foi o inquisidor dominicano, (São) Pedro Mártir, inquisidor virulento na Itália do Norte, assassinado em 1252 na estrada de Come a Milão. Representado como santo com uma faca plantada no crânio, ele manifesta a distância que se instala entre a Igreja e as ordens dos mendicantes, por um lado, e a maioria dos fiéis, por outro, em torno da Inquisição.

Ambas as ordens se tornaram alvo de críticas de seculares a propósito da instrução e do saber, sobretudo na universidade de Paris. Mestres seculares, dos quais o principal foi Guilherme de Saint-Amour, poetas como Rutebeuf e João de Meug, atacaram vivamente as ordens mendicantes. Primeiro, sobre o próprio princípio da mendicidade e da pobreza. O homem, inclusive o religioso, não deve viver do produto de suas mãos, e não da esmola que permite que ele viva na ociosidade? Mais adiante se verá que esse sentimento é alimentado pelo nascimento de uma Europa do trabalho e de uma promoção da idéia de trabalho. Os frades mendicantes são verdadeiros mendicantes? A eles não se deve preferir os “verdadeiros pobres” que sua condição condena à mendacidade? O fato de se apossarem

de funções que pertencem ao clero secular, a distribuição dos sacramentos, a administração de igrejas, que acarretam a percepção do dinheiro do culto em seu proveito, choca um certo número de fiéis, mas sobretudo voltam contra os mendicantes uma grande parte do clero secular. O que também alimentará, longe de apaziguar; o conflito é que, a partir de meados do século XIII, o papado escolheu, cada vez mais, bispos entre religiosos mendicantes, borrando assim a distinção entre regulares e seculares. Nas universidades particularmente em Paris, onde os mendicantes tinham sido desde a origem malvistas (os dominicanos por afirmar desde o início o seu interesse pelos estudos, os franciscanos, apesar das reticências de Francisco de Assis em relação a uma atividade que implicava a compra de livros), porque, por ocasião de grande greve de 1229-1231, tinham se aproveitado da atitude dos mestres seculares para criar cátedras em proveito deles. Tinham entrado no mundo universitário como furadores de greve, como “pelegos”.

O conflito entre regulares e seculares envenenou a Universidade de Paris durante o século XIII. O papado interveio tomando, geralmente, a defesa dos mendicantes, mas as suas intervenções mais agravaram do que apaziguaram, nisso Boaventura e Tomás de Aquino tinham tido um papel eminente em defender a legitimidade e o mérito da pobreza voluntária. O século XIII foi, portanto, com o aparecimento das ordens mendicantes, um momento importante na longa história da pobreza da Europa, que, infelizmente, não acabou até hoje outras dissensões, estas internas, agitaram a ordem franciscana, durante o século XIII.

Mesmo enquanto Francisco estava vivo, uma tendência rigorosa, ascética, se tinha oposto a uma tendência para com o compromisso com as necessidades da vida humana em sociedade. Francisco parece estar frequentemente do lado dos rigoristas, mas ele se recusa sempre a desobedecer à igreja e à Santa Sé. Foi em torno de sua figura, de sua memória, que se desenvolveu muitas vezes o conflito que agitou a ordem depois de sua morte em 1226, apressando-se o papado em canonizá-lo já em 1228. A primeira ocasião foi a construção por seu sucessor, muito contestado. Frei Elias, este que foi designado pelo próprio Francisco, da basílica de Assis, cujas dimensões e esplendor apareceram como uma negação da espiritualidade de Francisco.

Segundo Le Goff “Artesãos, pela pregação, de uma Europa da palavra, os mendicantes são também os grandes animadores de uma Europa da caridade, ancestrais de uma Europa da seguridade social.” O sistema é organizado no século XIII sob o nome de “obras de misericórdia”. Estas se fundamentavam num texto do evangelho de Mateus

(25,35) em que o Filho do homem, no Juízo Final, separará os homens e dirá aos que estão colocados à sua direita que entrarão no Reino de Deus em recompensa pelos benefícios que fizeram durante a sua vida terrestre. As obras consistem em visitar os doentes, dar de beber àqueles que têm sede, alimentar os que têm fome, resgatar os cativos (no século XIII são, sobretudo, os prisioneiros dos piratas mulçumanos no Mediterrâneo), vestir os nus, acolher os estrangeiros, fazer serviços religiosos na intenção dos defuntos. Os frades mendicantes são os mais ativos na pregação e na prática dessas obras de misericórdia; ao mesmo tempo, dedicam-se ao serviço dos hospitais, cujo número se multiplica em ambiente urbano. Nasce uma Europa dos hospitais. (Le Goff, 2007, pág.204.)

A última característica das ordens mendicantes é o fruto de seu interesse pelos cidadãos leigos. Trata-se da fundação das ordens terceiras. Elas agrupam leigos de diversas condições, mas de fato, muitas vezes, bastante abastados que, permanecendo em sua família e continuando a exercer a sua profissão, levam uma vida tão próxima quanto possível da vida dos frades. De fato as ordens mendicantes incluem, segundo as vontades de seus fundadores, três Ordens: uma ordem masculina, uma ordem feminina (para os franciscanos são as Clarissas, para os dominicanos são as dominicanas) e uma terceira ordem, que estende consideravelmente a sua influência na sociedade urbana. Com efeito, é o conjunto dessa sociedade que está enquadrada nessas três ordens.

Mas as ordens mendicantes foram dominadas pela primeira ordem, a dos irmãos, pelos homens, e pelo papado. E essa ordem não escapou a clericalização e, como mostrou, a propósito dos franciscanos, o Padre Desbonnetes, as ordens mendicantes evoluíram muito rápidas “da intuição para a instituição”. Apesar dos progressos dos leigos como membros da Igreja, o século XIII fracassará na constituição de uma Europa dos leigos.

Segundo Duby a Igreja triunfante do século XIII consegue estender sua dominação sobre o que na verdade não era senão uma manifestação menos renitente da contestação herética, a pregação de Francisco de Assis. Era-lhe necessário, para encarar essas proposições de perfeição, alterar sensivelmente sua própria organização, eliminar, abrandar, reprimir, refluir o que reconhecia como irredutível no contexto do franciscanismo, acolher o que podia assimilar e introduzir para reforçar os eixos de suas estruturas materiais e espirituais; mas no fim das contas chega, mesmo lamentando, a remodelar a própria figura de Francisco e sua mensagem, a domesticá-las. (Duby, 1988, pág.134).

4. Considerações finais: a importância de Francisco e a da criação de sua Ordem

A importância da criação da Ordem se inicia na conversão de Francisco de Assis que era filho de um mercador de tecidos da pequena cidade de Assis que tentado pela vida cavalheiresca, decide largar toda a sua herança e seguir uma vida de pobreza e penitência. Em 1206 decidiu renunciar de maneira espetacular a uma vida de riqueza e a sucessão de seu pai, se despoja de toda sua roupa em lugar público, denuncia o dinheiro, o comércio, e chama seus concidadãos à pobreza e ao serviço de Cristo. Com alguns companheiros forma um grupo itinerante que tem como lugares de referência duas igrejas modestas nos arredores de Assis, São Damião e a Porciúncula.

Sua maneira de ver a vida, e sua conversão espiritual causa uma reviravolta na sociedade em que vivia. Leonardo Boff exalta São Francisco como sendo instrumento da paz de Deus “Exemplo de paz personalizada encontramos em São Francisco. As biografias do tempo, como a de Tomás de Celano, de São Boaventura, da Legenda dos Três Companheiros, da Legenda Perusina, são unânimes em afirmar que era um homem no qual a estrutura do desejo alcançou suprema expressão. São Boaventura o chama simplesmente *vir desideriorum*, homem-desejo.”(Boff, Leonardo, 1999, pág.62.).

Depois ao conseguir vários adeptos consegue de maneira revolucionária afetar a mentalidade cristã que imperava luxúria e extravagância de poder e riqueza. Mas em 1215, houve um grande acontecimento para a Igreja: o papa Inocêncio III reuniu um Concílio em São João de Latrão, o quarto a realizar-se nessa igreja. O concílio decide por uma nova cruzada e estabelece as bases para uma reforma da Igreja. Como esse tímido *Aggiornamento* parece ir nos sentidos dos desejos de São Francisco e o papa tinha adotado por emblema da reforma o tau (letra grega correspondente ao nosso T) marcado na frente dos justos e usado por São Francisco(que com ele assinava suas cartas e o pintava nos muros de seus eremitérios), criou-se uma tendência no sentido de estabelecer ligações precisas entre o concílio e São Francisco.Pretendeu-se que ele o tenha assistido e lá tivesse encontrado São Domingos.Nada o prova.Mas Inocêncio III, Francisco e Domingos, dentro de um mesmo espírito mas com estilos diferentes buscam trazer soluções para o mesmo problema:num mundo em mutação, abrir para os homens novos caminhos no sentido da salvação.

A partir dessa situação objetiva comum, conclui-se mais tarde ter havidos encontros mat\u00e9rias com o objetivo de ocultar as diverg\u00eancias que separavam a c\u00faria romana dos dois santos e, se n\u00e3o dos dois santos, pelo menos de seus filhos espirituais entre si. Que o conc\u00edlio mantinha uma amea\u00e7a a Francisco, Domingos e seus companheiros \u00e9 evidente. O c\u00e1non 13 proibiu formalmente a funda\u00e7\u00e3o de novas ordens e o c\u00e1non 10 previa a atividade dos frades em conjunto com os bispos auxiliares “n\u00e3o apenas para assegurar a prega\u00e7\u00e3o, mas para ouvir confiss\u00f5es, distribuir as penit\u00eancias e para todas as outras coisas referentes \u00e0 salva\u00e7\u00e3o das almas”. Esse papel de ajudantes estreitamente subordinados \u00e0 hierarquia, evidentemente contrariava as inten\u00e7\u00f5es de Domingos e Francisco. Ambos procuraram desvencilhar-se das amea\u00e7as de maneira diferente.

Hil\u00e1rio Franco J\u00fanior que afirma que as novas manifesta\u00e7\u00f5es espirituais, que for\u00e7avam a Igreja a rever certos conceitos, n\u00e3o vinham de grupos marginalizados, mal cristianizados. Eram produto da cultura intermedi\u00e1ria, tanto no caso das manifesta\u00e7\u00f5es que ficaram na ortodoxia (cistercienses, franciscanos, dominicanos) quanto no das que ca\u00edram na heresia (*c\u00e1taros, valdenses, fraticelli*). Todas essas correntes baseavam-se na pobreza e na penit\u00eancia, forma de criticar o enriquecimento e a institucionaliza\u00e7\u00e3o da Igreja. Mas aquelas que n\u00e3o desejavam afastar-se da ortodoxia com o tempo viam-se influenciadas pelo mesmo enriquecimento e institucionaliza\u00e7\u00e3o. Deturpados os prop\u00f3sitos iniciais de Cister, eles foram recuperados e levados adiante por um burgu\u00eas que, por estar colocado no centro da nova economia comercial, sentia seus efeitos sobre a vida espiritual do crist\u00e3o. N\u00e3o se tratava de negar as riquezas de forma geral, e sim de criar mecanismos para a burguesia enriquecida aplacar sua consci\u00eancia por meio de esmolas. Por isso, os benefici\u00e1rios n\u00e3o poderiam ser monges isolados, mas leigos que tendo abra\u00e7ado a pobreza continuavam a viver nas cidades. Esta \u00e9 a raiz do sucesso e da import\u00e2ncia de S\u00e3o Francisco (1182-1226), que segundo Duby “foi, com Cristo, o grande her\u00f3i da hist\u00f3ria crist\u00e3” (46: 143). (Franco J\u00fanior, Hil\u00e1rio, 2001, p\u00e1g.106).

Por fim a ordem mendicante de Francisco de Assis coloca verdadeiramente Cristo e o Evangelho no centro n\u00e3o somente de suas pr\u00f3prias devo\u00e7\u00f5es, mas tamb\u00e9m das devo\u00e7\u00f5es dos leigos. Francisco de Assis levar\u00e1 ao extremo a identifica\u00e7\u00e3o com Jesus a esse respeito, chamados por muito como o imitador de Cristo. Na solid\u00e3o montanhosa do Monte Alverne, na It\u00e1lia Central, ele recebe, na apari\u00e7\u00e3o de um Serafim, os estigmas de Cristo, quer dizer, a marca das chagas que Cristo recebera na Cruz. Isso nos faz lembrar a famosa

frase do Pe. Antônio Vieira em seu sermão sobre as chagas de São Francisco: “Vesti Cristo e tereis Francisco, desvesti Francisco e tereis Cristo.”



Francisco de Assis, retratado pelo florentino Cenni di Pepi, conhecido por Cimabue (1240-ca. 1302), na nave transversal da basílica inferior de São Francisco, em Assis. Este afresco pintado por volta de 1278, isto é, mais de meio século depois da morte do santo, obviamente não reproduz suas feições. No entanto, o desenvolvimento do naturalismo e mesmo de certo realismo nas artes visuais da época levou o artista a imaginar o personagem com traços que correspondem psicologicamente ao modelo: humildade, bondade, pobreza.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRIMÁRIAS:

BOAVENTURA, São. **Legenda Maior e Legenda Menor**; tradução Frei Romano Zaco, O.F.M. IN **Escritos e biografias de São Francisco de Assis/Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano**. Seleção e organização: Frei Ildelfonso Silveira, O.F. M e Orlando dos Reis, traduções: **Vida de São Francisco (I e II)**, Frei José Carlos Pedroso, O.F. M: **Legenda dos Três Companheiros**, Frei Roque Biscione, O.F.M./ 8º edição, Petrópolis: Vozes, 1997.

OBRAS GERAIS:

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1988.

LE GOFF, Jacques. **As Raízes medievais da Europa**; tradução de Jaime A. Clasen - Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2007.

FRANCO JÚNIOR, Hilário, 1948-**A Idade Média: nascimento do ocidente**. 2º. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. 5ºed.revista e ampliada. São Paulo: Contexto, 2002.

OBRAS ESPECÍFICAS:

BOFF, Leonardo. **A oração de São Francisco: Uma mensagem de Paz para o mundo atual**. Ed. Sextante, Rio de Janeiro, 1999.

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. Tradução: Marcos de Castro. 8ºed. Rio de Janeiro: Record,2007.

WIKIPEDIA. **Ordem das Clarissas**. Wikimedia Foundation, 2011. Disponível na Internet: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ordem_das_Clarissas